



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LINGUAGENS E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS

Luziane Beatriz de Arruda Duarte

**O peso e a dança da maternidade: análise comparativa da representação da
maternidade em Aline Bei**

CARAÚBAS

2025

Luziane Beatriz de Arruda Duarte

**O peso e a dança da maternidade: análise comparativa da representação da
maternidade em Aline Bei**

Monografia apresentada à Universidade
Federal Rural do Semi-Árido como
requisito para obtenção do título de
licenciada em Letras Português.

Orientadora: Profa. Dra. Karla Raphaella
Costa Pereira.

CARAÚBAS

2025

D
812p Duarte, Luziane Beatriz de Arruda.
O peso e a dança da maternidade: análise comparativa da representação da maternidade em Aline Bei / Luziane Beatriz de Arruda Duarte. - 2025.
53 f. : il.

Orientadora: Karla Raphaella Costa Pereira.
Monografia (graduação) - Universidade Federal Rural do Semi-árido, Curso de Letras/Português, 2025.

1. Representação literária. 2. Maternidade. 3. O peso do pássaro morto. 4. Pequena coreografia do adeus. I. Pereira, Karla Raphaella Costa , orient. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada por sistema gerador automático em conformidade com AACR2 e os dados fornecidos pelo autor(a).

Biblioteca Campus Caraúbas
Bibliotecária: Sarah Freire Bezerra
CRB: 15/1052

Luziane Beatriz de Arruda Duarte

O peso e a dança da maternidade: análise comparativa da representação da maternidade em Aline Bei

Monografia apresentada à Universidade Federal Rural do Semi-Árido como requisito para obtenção do título de licenciada em Letras Português.

Defendida em: 17/12/2025.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Karla Raphaella Costa Pereira (UFERSA)
Orientadora

Profa. Dra. Kize Arachelli de Lira Silva (UFERSA)
Membro Examinador

Profa. Tázia Beatriz Gurgel Braga (UFERSA)
Membro Examinador

AGRADECIMENTOS

A Deus por me conceder a oportunidade de viver esta experiência e por me dar sabedoria e força para trilhar este caminho e concluir este trabalho.

A mim mesma, por nunca ter desistido e por ter seguido em frente, enfrentando com coragem os diversos obstáculos ao longo dessa jornada.

Aos meus pais, Luziene e Rosemberg, que não tiveram as mesmas oportunidades que eu, mas sempre me incentivaram e me apoiaram durante toda a graduação. Vocês foram essenciais nesses quatro anos, nunca me deixando faltar nada e fazendo do impossível o possível para que eu chegasse até aqui. Minha eterna gratidão a vocês. Tudo o que sou hoje devo ao amor, aos esforços e ao apoio que sempre me deram.

Aos meus irmãos, Júnior e Renan, que sempre estiveram ao meu lado ao longo deste processo. Em especial, ao Júnior, que não mediu esforços para me ajudar e fez o possível para que eu continuasse na faculdade. Sou profundamente grata pelo apoio, pela presença e pelo carinho de vocês.

Ao meu marido e melhor amigo, Kleyson Alex, agradeço por ter sido a minha calma em meio à tempestade. Obrigada por sempre me encorajar e me apoiar, por acreditar no meu potencial mesmo nos momentos em que eu duvidava de mim. Obrigada por estar ao meu lado em cada surto durante a escrita deste trabalho. Você foi meu abrigo, meu incentivo diário e a prova viva de que, ao meu lado, existe alguém que torce, vibra e sonha comigo.

Aos meus avós, Maria e Geraldo (*in memoriam*), agradeço com todo o meu coração. Mesmo não podendo estar presentes fisicamente, neste momento, sei que cada passo que dou carrega os ensinamentos que vocês me deixaram. Em especial a minha avó Maria, que sempre esteve ao meu lado e acreditou no meu futuro. Embora não esteja presente para ver a realização deste sonho, tenho certeza de que, onde estiver, sente orgulho da pessoa que me tornei.

À minha família, por sempre acreditarem em mim, incentivarem meus sonhos e celebrarem cada uma das minhas conquistas. Sou imensamente grata pelo amor, pela presença e pelo apoio que me motivaram a seguir em frente e chegar até aqui, mesmo nos momentos mais desafiadores. Em especial, à minha prima Emily, que chegou esse ano como a luz para iluminar nossas vidas, trazendo mais alegria e esperança em um momento de dor para nossa família.

À minha orientadora, Karla Raphaela, agradeço por estar sempre ao meu lado durante todo este processo. Sua orientação foi essencial para a construção deste trabalho. Sou grata por cada conselho, pelas palavras de incentivo e por não permitir que eu desistisse mostrando o quanto sou capaz. Com sua ajuda, não adquiri apenas conhecimentos, mas também cresci como pessoa e como profissional.

Agradeço às minhas companheiras desta caminhada, que tornaram este percurso mais leve. Sou profundamente grata pelo apoio, pelo carinho e pela parceria de sempre.

Por fim, agradeço à Banca Examinadora por dedicar seu tempo à leitura, avaliação e contribuição para o aprimoramento deste trabalho.

Dedico este trabalho à minha mãe, Luziene, que é a base da minha formação como pessoa e minha maior incentivadora. Sem a senhora ao meu lado, nada disso seria possível. Obrigada por acreditar em mim, mesmo quando eu duvidei. Esta conquista também é sua.

RESUMO

A maternidade é socialmente compreendida como um instinto inato, apresentado como uma atividade natural da mulher, para a qual são atribuídas todas as responsabilidades pela criação e cuidado dos filhos. Problematicando esse contexto, o objetivo deste trabalho é analisar a representação da maternidade em *O peso do pássaro morto* e *Pequena coreografia do adeus*, romances de Aline Bei. Metodologicamente, este texto realiza uma análise literária que procura entender como a experiência de ser mãe é retratada nos textos e destacar as várias maneiras de viver a maternidade. Conforme o foco narrativo de *O peso do pássaro morto*, o romance foi analisado a partir da perspectiva da mãe, protagonista da história, abordando a maneira como ela exerce uma maternidade que lhe foi imposta. Em *Pequena coreografia do adeus*, a análise recaiu sobre as expectativas não atendidas de uma filha diante da maternidade da mãe. Contrapõem-se, assim, a forma de perceber a maternidade tanto de uma mulher que é mãe quanto de uma que é apenas filha. As obras literárias, representando pontos de vista da sociedade, expõem as diversas experiências de mulheres ao realizarem a atividade de matinar. Dessa forma, o trabalho se mostra relevante por tratar um assunto que ainda é pouco investigado na crítica literária e por ajudar na compreensão de uma maternidade real, variada e repleta de complexidades que se relacionam com a sociedade atual.

Palavras-chave: representação literária; maternidade; *O peso do pássaro morto*; *Pequena coreografia do adeus*.

ABSTRACT

Motherhood is socially understood as an innate instinct, portrayed as a natural activity of women, to whom all responsibilities for child-rearing and care are attributed. Problematizing this context this undergraduate thesis analyzes the representation of motherhood in *The weight of the dead bird* and *Little goodbye choreography*., novels by Aline Bei. Methodologically, this text conducts a literary analysis that seeks to understand how the experience of being a mother is portrayed in the stories and to highlight the various ways of experiencing motherhood. The weight of the dead bird was analyzed from the perspective of the mother, the protagonist of the novel, addressing the way motherhood was imposed upon her. In *Little goodbye choreography*, the analysis focused on the expectations of a daughter in relation to her mother's motherhood. Thus, the ways of perceiving motherhood perspective of a woman who is a mother and another one who is only a daughter are contrasted. The novels, representing societal viewpoints, expose the diverse experiences of women in performing mothering. In this way, the study proves relevant for addressing a topic that remains underexplored in literary criticism and for contributing to the understanding of a real, varied, and complex motherhood that relates to contemporary society.

Keywords: literary representation; motherhood; *The weight of the dead bird*; *Little goodbye choreography*.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	HISTÓRIA DAS MULHERES PARA ALÉM DOS LIMITES DA OPRESSÃO.....	14
3	A MATERNIDADE COMO RUPTURA: DOR E SOFRIMENTO EM O PESO DO PÁSSARO MORTO DE ALINE BEI.....	22
4	ENTRE O CONFLITO E O AMOR: A REPRESENTAÇÃO DA MÃE EM PEQUENA COREOGRAFIA DO ADEUS DE ALINE BEI.....	36
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	49
	REFERÊNCIAS.....	53

1 INTRODUÇÃO

A maternidade é constantemente idealizada, em diversas esferas tanto sociais, culturais e literárias, sendo, muitas vezes, apresentada como um destino natural e necessário para a mulher. No entanto, essa visão não mostra as vivências e o contexto no qual a mulher está inserida, por isso o objetivo deste trabalho, é analisar a representação da maternidade em *O peso do pássaro morto* e *Pequena coreografia do adeus*, pois o estudo da representação da maternidade, nessas obras, possibilita uma reflexão acerca dos variados papéis e significados atribuídos à maternidade na sociedade atual.

O objetivo foi traçado a partir da seguinte questão problema: como a maternidade é representada em *O peso do pássaro morto* e *Pequena coreografia do adeus* de Aline Bei? Para essa pergunta, possuíamos a hipótese interpretativa de que a maternidade, nos romances, não era apresentada de forma idealizada, mas de forma realista, apresentando os conflitos que envolvem essa prática. Os dois romances trabalhados foram escolhidos por abordarem a maternidade como um processo de descoberta, no qual a vivência materna passa do tradicional, como o amor e o cuidado materno, mas também aborda temas como ausência, abandono e perda, mostrando a realidade e desconstruindo o padrão imposto pela sociedade.

Com o problema de pesquisa elaborado, para verificar o estado da arte do objeto de pesquisa, realizamos uma busca no Portal de Periódicos CAPES, usando descritores específicos como *maternidade na literatura*. Na primeira busca, o resultado foi de 424 artigos que abordam esse tema. Posteriormente, adicionamos o descritor *Pequena coreografia do adeus* e encontramos apenas dois trabalhos, porém o foco dos trabalhos encontrados não era a maternidade. Adicionamos novamente à maternidade, o descritor título do outro texto literário, *O peso do pássaro morto*, e não encontramos nenhum estudo. Os resultados da busca demonstraram a relevância científica da pesquisa, pois é um tema pouco explorado, no entanto, é crucial compreender e desconstruir a romantização da maternidade tanto na literatura quanto na sociedade.

Esta pesquisa também foi importante para colaborar com a prática pedagógica em literatura, na medida em que pôde auxiliar na construção de um pensamento mais crítico sobre a prática da maternidade, reverberando nas análises a serem realizadas em sala de aula, influenciando tanto no meio literário quanto na realidade feminina.

Essa monografia proporciona aos leitores a chance de refletir sobre os estereótipos e de expandir a percepção das dificuldades de ser mulher e mãe na sociedade atual.

Metodologicamente, tratou-se de um estudo de natureza bibliográfica, pois se concentrou na análise de obras literárias. Dessa forma, a pesquisa caracteriza-se como uma análise literária, de modo que o método coincide com a própria interpretação, pois desenvolveu-se ao longo da análise. Conforme afirma Santos e Lira (2018, p. 58), “[...] os métodos serão adaptados de acordo com os pressupostos e as necessidades do pesquisador e de sua pesquisa”.

Primeiramente, realizamos uma pesquisa bibliográfica sobre as categorias mulher e maternidade na sociedade contemporânea. Neste momento de revisão teórica, investigamos obras acadêmicas, como artigos e livros, que abordavam os temas, permitindo, assim, uma compreensão mais ampla sobre a maternidade. Com isso, conseguimos atingir o primeiro objetivo deste trabalho que era discutir o conceito de maternidade na sociedade atual.

Para fundamentar este trabalho, utilizamos obras de autoras que abordam a condição da mulher na sociedade e os diferentes entendimentos sobre a maternidade. No que diz respeito à posição da mulher na sociedade, baseamo-nos em Federici (2017), que analisa a apropriação do corpo feminino e do trabalho reprodutivo pelo capitalismo em conjunto com o patriarcado. Trabalhamos também com Lerner (2019), cuja obra reconstrói historicamente a formação e a permanência das estruturas patriarcais. Já Garcia (2011) oferece uma visão histórica e conceitual sobre o feminismo. Para abordar o tema da maternidade, utilizamos as contribuições de O'Reilly (2021), que critica a visão hegemônica e normatizadora da maternidade, e Badinter (2024), que analisa o conflito entre os papéis de mulher e da mãe, além de questionar a construção cultural do mito do amor materno. Por último, para discutir a teoria da reprodução social, recorreremos à Bhattacharya (2013) e à Arruza (2015), que analisam o trabalho reprodutivo e seu papel na manutenção das estruturas sociais e econômicas.

Com o intuito de compreender a construção da relação das mulheres com a maternidade e como elas se distanciam da idealização da mãe perfeita, realizamos uma análise da composição das personagens nas duas obras literárias, focando naquelas que vivenciam a maternidade. Para tanto, investigamos a composição das personagens, segundo a teoria literária da personagem de Antonio Candido (1974), aprofundada com os estudos de Edward Morgan Foster (1998).

Nas considerações finais, exploramos algumas semelhanças e diferenças na representação da maternidade nos dois romances, especialmente no que se refere à desconstrução da figura da mãe perfeita. Dessa maneira, por meio dessa pesquisa, foi possível não apenas compreender a representação da maternidade nas obras, mas também refletir sobre a maneira como a literatura contribui para a desconstrução do modelo tradicional de maternidade.

A análise desenvolvida, ao longo deste estudo, permite identificar que os romances *O peso do pássaro morto* e *Pequena coreografia do adeus* apresentam, de forma distintas, o rompimento com uma maternidade idealizada. Em *O peso do pássaro morto*, a experiência de ser mãe é moldada por um cenário de violência e traumas que impactam a vida da protagonista. Em *Pequena coreografia do adeus*, a maternidade é vista pelo olhar da filha, que mostra o distanciamento entre ela e a mãe. Dessa forma, os romances mostram que há várias maneiras de viver a maternidade, expondo traumas, conflitos e dificuldades que atravessam essa experiência e apontando para uma maternidade não como uma ideia perfeita, mas sim como a realidade das mulheres que as vivem.

Este trabalho está organizado em três capítulos. No primeiro, apresentamos a fundamentação teórica que discute a *História das mulheres para além dos limites da opressão*. Em seguida, expomos a análise da primeira obra, no capítulo intitulado *A maternidade como ruptura: dor e o sofrimento em O peso do pássaro morto de Aline Bei*. Logo após, trazemos a segunda análise com o capítulo intitulado como *Entre o conflito e o amor: a representação da mãe em Pequena coreografia do adeus de Aline Bei*. Por fim, expomos as considerações finais, demonstrando como os dois romances rompem com a visão idealizada da maternidade.

2 HISTÓRIA DAS MULHERES PARA ALÉM DOS LIMITES DA OPRESSÃO

Que as mulheres são oprimidas pelos homens é um fato histórico, entretanto, para superar essas condições, é importante saber o processo pelo qual o patriarcado se estabeleceu na história, afirma Gerda Lerner (2019). Na Idade Média, cujo modo de produção era feudal, as mulheres eram vistas como bens familiares, sendo fundamentais, sobretudo, para a maternidade, pois desempenhavam uma função importante na geração dos filhos, assegurando a reprodução da força de trabalho e a manutenção da herança familiar, ou seja, cumprindo funções diferentes a depender da classe social a qual as mulheres pertenciam.

De acordo com os estudos de Silvia Federici (2017), durante a transição do feudalismo para o capitalismo, a posição das mulheres foi reconfigurada em relação à função materna. Com a chegada do capitalismo, a maternidade foi reorganizada sendo transferido para ser uma responsabilidade exclusiva da mulher, no interior do que viria a ser a família nuclear moderna. Isso quis limitar as mulheres ao papel de cuidadoras e reprodutoras do lar, ao espaço doméstico. Nesse sentido, Federici aponta que

Essas mudanças históricas — que tiveram um auge no século XIX com a criação da figura da dona de casa em tempo integral— redefiniram a posição das mulheres na sociedade e com relação aos homens. A divisão sexual do trabalho que emergiu daí não apenas sujeitou as mulheres ao trabalho reprodutivo, mas também aumentou sua dependência [...] Entretanto, não há dúvida de que, na “transição do feudalismo para o capitalismo”, as mulheres sofreram um processo excepcional de degradação social que foi fundamental para a acumulação de capital e que permaneceu assim desde então (Federici, 2017, p. 146).

A partir dessa explicação, trabalhamos com a definição de patriarcado, com base em Garcia (2021), como uma “forma de organização política, econômica, religiosa, social baseada na ideia de autoridade e liderança do homem, no qual se dá o predomínio dos homens sobre as mulheres” (Garcia, 2011, p.16). O patriarcado é produto da história e não uma força superior que domina a vida de todos.

Estudar maternidade significa estar entre dois polos antagônicos: de um lado, a ideologia capitalista de que a maternidade é tarefa exclusiva da mulher, completando-a como ser; do outro, a perspectiva das mulheres sobre a maternidade em sua vivência concreta. A maternidade é um tema recorrente na literatura, sendo abordado de diversas formas, associando a mulher ao papel de cuidadora e responsável pela reprodução da vida, geralmente, considerada sob uma perspectiva

que associa as funções maternas às expectativas culturais e sociais. Por outro lado, a maternagem apresenta uma perspectiva mais ampla, na qual o cuidado e o afeto não se limitam às mulheres. Assim, a maternagem se distanciaria do papel tradicionalmente atribuído às mulheres, permitindo que qualquer pessoa, sem distinção de sexo ou identidade de gênero, possa exercer o ato de cuidar, educar e acolher uma crinça.

A função da mulher na sociedade é construída com a ideia de que ela deve ser mãe. A perpetuação e legitimação social dessa ideia fez com que a mulher fosse historicamente ensinada a identificar e assumir um instinto materno em si mesma desde pequena. De acordo com O'Reilly (2021, p. 4, tradução livre):

A naturalização pressupõe que a maternidade é natural para as mulheres — ou seja, que todas as mulheres sabem instintivamente como cuidar dos filhos — e que o trabalho de maternar é guiado por instinto, e não por inteligência, e desenvolvido por hábito, e não por habilidade¹.

Dessa forma, a maternidade deve ser uma decisão das mulheres e não uma imposição, mostrando que a mulher deve possuir a autonomia para decidir qual função deseja desempenhar na sociedade, uma vez que essa é uma visão bastante pessoal. A mulher que vivencia todo o processo de conceber seu filho não deve sentir que essa experiência é obrigatória, mas sim que é uma escolha que pode fazer.

De acordo com O'Reilly (2021), no entanto, o conceito de mãe deve ser definido da seguinte maneira: “O termo ‘mãe’ refere-se a qualquer indivíduo que se engaje no trabalho materno, não está limitado a mulheres cisgêneras e inclui qualquer que assuma o trabalho de maternar como parte central de sua vida²” (O'Reilly, 2021, p. 13, tradução livre). Para muitos, a figura materna é associada apenas àquela que dá à luz, todavia, ser mãe é muito mais do que gerar um filho e inclui qualquer pessoa que cumpra as funções maternas, como o cuidado, a educação e o amor, independentemente de ser ou não a mãe biológica. Nesse sentido, é necessário reconhecer como mães as pessoas que, por diversas razões, abraçam a responsabilidade de cuidar e de criar uma criança.

¹ [...] naturalization assumes that maternity is natural to women—that is, all women naturally know how to mother—and that the work of mothering is driven by instinct rather than intelligence and developed by habit rather than skill.

² [...] the term “mother” refers to any individual who engages in motherwork; it is not limited to cisgender women, but it includes anyone who takes upon the work of mothering as a central part of their life.

Para muitos, a maternidade é uma forma de empoderamento e de valorização para as mulheres, principalmente as mulheres negras e indígenas, como afirma O'Reilly (2021). Para a mulher indígena, as mães são consideradas poderosas por serem capazes de dar à luz às novas vidas para sua comunidade, como cita Jennifer Brant *apud* O'Reilly, 2019, p. 112 “[...] mantém as mulheres em alta estima e honram-nas como poderosas por sua capacidade de dar a vida à comunidade, tanto no sentido físico quanto, espiritual” e, com isso, o papel da mulher indígena é reconhecido nas suas comunidades.

Em relação às mulheres negras, a autora destaca que a vivência da maternidade é direito muitas vezes, negado. Além disso, destaca a importância das mães negras na educação dos filhos para viver e sobreviver numa sociedade racista

A maternidade pode ser classificada como normativa, ou seja, uma visão socialmente difundida da mãe ideal como aquela que se adequa ao modelo ideal de maternidade, o que inclui a dedicação integral ao cuidado dos filhos, a reprodução de certos valores familiares e comportamentais, além de um amor incondicional, ausência de falhas ou dúvidas em relação ao papel materno, enfatizando a importância do cuidado e da dedicação para com o filho. Ideal é justamente o que não é real, tendo em vista que essa idealização coloca um peso enorme para aquelas que assumem a tarefa de gestar e criar uma criança.

O'Reilly (2021) apresenta dez ditames da maternidade que moldam a idealização da maternidade na sociedade capitalista contemporânea. “Apresento aqui o que denominei os dez ditames da maternidade normativa: essencialização, privatização, individualização, naturalização, normalização, idealização, biologização, especialização, intensificação e despolitização³” (O'Reilly, 2021, p. 12). No próximo parágrafo, explicamos cada um deles.

A essencialização mostra que a maternidade é o fundamento da identidade feminina. A privatização concentra o trabalho materno apenas na esfera reprodutiva e do lar. Já a individualização indica a maternagem como responsabilidade apenas da figura da mãe. A naturalização presume que é natural para as mulheres serem mães, que a mulher já nasce com o instinto para tal. A normalização limita a identidade e a prática maternas ao modelo específico de família, no qual a mulher é mãe, esposa e

³ I introduce here what I have termed the ten dictates of normative motherhood: essentialization, privatization, individualization, naturalization, normalization, idealization, biologization, expertization, intensification, and depoliticalization.

principal cuidadora dos filhos(as), enquanto seu marido é responsável pelo sustento da casa. A idealização estabelece modelos maternos definidos, os quais reforçam as expectativas das mães sobre si mesmas e da sociedade em relação ao papel materno. A biologização ressalta os laços sanguíneos, afirmando que a mãe biológica é a mãe autêntica e *real*. A especialização e a intensificação são a maternidade intensiva, para qual os filhos têm que ser orientados por especialistas e que essa criação é uma criação exaustiva exercida pelas mulheres. Por fim, a despolitização se caracteriza pela criação do filho como uma atividade privada sem qualquer importância social ou política.

Os dez ditames de O'Reilly (2021) permitem compreender como a sociedade capitalista constrói um modelo de maternidade, colocando a mulher como a principal responsável pela criação das crianças. Esses ditames são impostos às mulheres como regras da maternidade, o que define e limita o papel da mãe na sociedade.

A mulher é vista como a principal responsável por diversas tarefas, especialmente no que se refere à administração do lar e à formação dos filhos. Embora, com o passar dos anos, as mulheres tenham alcançado maior importância na sociedade e conseguido um lugar no mercado de trabalho, a percepção de que elas se dedicam unicamente ao lar e ao marido ainda persiste nos dias de hoje.

Essas mulheres, muitas vezes, são as únicas responsáveis pelo cuidado dos filhos e esse trabalho não recebe o reconhecimento adequado. Além de suas funções profissionais fora do lar, as mulheres também executam tarefas não remuneradas em suas residências, o que resulta em uma carga física e emocional desgastante. Frequentemente, a mulher que possui um emprego abdica dele para se dedicar integralmente à sua família. Como afirma Elisabeth Badinter, em *O conflito: a mulher e a mãe*:

Dentre elas, muitas têm experiências do universo do trabalho, mas optam por afastar-se dele - pontas a retomá-lo mais tarde- para serem, em casa, mães em tempo integral. Elas partilham até mesmo a convicção de que os cuidados da educação diária dos filhos é a atividade mais importante de suas vidas (Badinter, 2024, p. 34).

Além disso, muitas mulheres percebem a educação dos filhos como uma obrigação e responsabilidade exclusivas, enquanto frequentemente a figura paterna não se vê como tendo a mesma responsabilidade pela formação dos filhos. Quando a mulher se torna mãe, ela se vê na obrigação de ser uma mãe exemplar. Dessa

forma, a maternidade é considerada uma responsabilidade apenas da mulher, o motivo pela qual muitas mulheres anulam ou adiam a maternidade para outro momento da sua vida.

É fundamental destacar que a responsabilidade pela maternidade atribuída somente à mulher varia de maneira considerável de acordo com sua condição social. Por exemplo, mulheres brancas de classes sociais elevadas geralmente não experienciam a mesma pressão que mulheres negras e de baixa renda, pois, em diversas situações, têm à disposição o auxílio de babás na educação dos filhos. Por outro lado, essas mulheres contratadas, não apenas assumem a responsabilidade pelo cuidado dos filhos de terceiros, mas também cuidam de seus próprios filhos, o que aumenta ainda mais sua carga de trabalho.

Conforme a Teoria da Reprodução Social (Bhattacharya, 2013; Arruza, 2015) desenvolvida por pensadoras feministas marxistas, a maternidade deixa de ser percebida como uma vivência individual e natural, tornando-se essencial para a sustentabilidade da sociedade capitalista, uma vez que o capitalismo depende das mulheres para dar à luz aos filhos, que se transformam na força de trabalho necessária à economia capitalista. É uma atividade essencial para o funcionamento da economia, embora, muitas vezes, desvalorizado. Dessa forma, a força de trabalho é reproduzida por meio de três processos que estão interligados. Como afirma Tithi Bhattacharya, em *O que é teoria da reprodução social?*:

1. Atividades que regeneram a trabalhadora fora do processo de produção e que a permitem retornar a ele. Elas incluem, entre uma variedade de outras coisas, comida, uma cama para dormir, mas também cuidados psíquicos que mantêm uma pessoa íntegra.
2. Atividades que mantêm e regeneram não-trabalhadores que estão fora do processo de produção - isto é, os que são futuros ou antigos trabalhadores, como crianças, adultos que estão fora do mercado de trabalho por qualquer motivo, seja pela idade avançada, deficiência ou desemprego.
3. Reprodução de trabalhadores frescos, ou seja, dar à luz (Bhattacharya, 2013, p.103)

Esses processos são essenciais para o funcionamento do sistema capitalista, mas o capital não quer onerar o lucro da venda de mercadorias com essas atividades, por essa razão, são desvalorizados e consideradas trabalho não remunerado, pois a sociedade os vê como um instinto natural da mulher, quase como se fossem uma obrigação.

Arruza (2015, p. 35) apresenta duas questões fundamentais em relação ao conceito de patriarcado: “1) seria o patriarcado um sistema autônomo em relação ao

capitalismo? 2) é correto usar o termo “patriarcado” para designar opressão e desigualdade de gênero?”. A resposta apresentada pela autora compreende a reprodução social como uma teoria unitária, na qual as diversas opressões não são sistemas autônomos, mas parte integrante na sociedade capitalista.

Bhattacharya (2013) afirma que a melhor forma de defender os direitos das mulheres é por meio da organização trabalhista, no interior da luta da classe trabalhadora. Além disso, destaca que a principal continuidade da classe não se dá apenas nos ambientes de trabalho, mas sobretudo fora deles. Conforme afirma abaixo:

Mas a classe trabalhadora não trabalha só no seu local de trabalho. Uma trabalhadora também dorme na sua casa, seus filhos brincam no parque público e frequentam a escola local e, às vezes, ela pede para sua mãe aposentada ajudar na cozinha. Em outras palavras, as principais funções da reprodução da classe trabalhadora têm lugar fora do local de trabalho (Bhattacharya, 2013, p. 109).

Dessa maneira, a mulher desempenha uma função essencial para o capitalismo. Além de participar do trabalho produtivo, que é aquele que gera a mais valia para o capitalismo, a mulher também será a figura central no trabalho reprodutivo, que abrange as tarefas domésticas, o cuidado dos filhos e de outros membros da família, assim como a reprodução da população, a qual é fundamental para o trabalho produtivo no contexto do capitalismo. Assim, o capitalismo depende do trabalho não pago das mulheres para sustentar-se.

O conflito entre a mulher e a mãe, a partir da ideia de Badinter (2024), é fundamental para compreender a experiência da maternidade na sociedade capitalista. Na qual, a sociedade constrói uma imagem da mulher independente, porém, ao mesmo tempo, ela não está livre do espaço doméstico. Em outras palavras, toda mãe experimentará essa ideia de conflito. Esse conflito não representa um exercício de liberdade, visto que, mesmo que a mulher decida ser mãe, na sociedade capitalista, ela acaba se tornando um tipo de mãe que lhe é imposto pelos padrões sociais. Dessa forma, ao apresentar a maternidade na literatura por meio de obras realistas, é possível notar a representação desse conflito entre a mulher e a mãe, percebendo como a vivência da maternidade vivida pelas personagens expressa, em muitos aspectos, os dilemas maternos contemporâneos e, ao mesmo tempo, seculares de todas as mulheres.

Para efetivar a análise literária das personagens, conforme indicado na introdução deste texto, procedemos da caracterização literária das personagens de ficção. De acordo com Candido (1974) e Foster (1998), as personagens não são pessoas, embora emulem uma vivência real, no enredo, ou seja, as personagens de ficção precisam ser verosímeis. Essa verossimilhança que torna a vivência delas possível, embora sejam personagens de ficção.

A análise das personagens foi feita com base na obra *A personagem de ficção*, mais especificamente o capítulo *A personagem do romance* de Antonio Candido (1974). Neste capítulo, o autor apresenta como as personagens são construídas de forma fragmentada, mas que esses fragmentos nos dão a percepção de totalidade da personalidade delas: “O romance, ao abordar as personagens de modo fragmentário, nada mais faz do que retomar, no plano da técnica de caracterização, a maneira fragmentária, insatisfatória, incompleta, com que elaboramos o conhecimento dos nossos semelhantes” (Candido, 1974, p. 58). Assim, com base na perspectiva de Candido, podemos entender que a narrativa nos revela apenas partes da vivência das personagens, conforme aquilo que o autor escolhe para mostrar ao leitor. Essas vivências, no entanto, são essenciais para que possamos elaborar um pleno conhecimento sobre elas, dando-nos a sensação de conhecê-las plenamente.

Este referencial teórico serve para balizar nossa análise no que tange à caracterização das experiências vividas pelas personagens. Não é um limitar nem um enclausurador da análise a construir, mas um instrumento de entendimento da complexidade da experiência materna na vida humana. Buscando interpretar as menções textuais diretamente vinculadas à experiência materna, destacando os sentimentos, as práticas, as relações estabelecidas com os filhos dentro outros aspectos que foram surgindo nos romances, cujo enredo resumimos a seguir.

Nas obras *O peso do pássaro morto* e *Pequena coreografia do adeus*, de Aline Bei, um dos temas abordados é a maternidade. Na obra *Pequena coreografia do adeus*, a personagem principal é uma jovem chamada Júlia, que enfrenta a dor da separação dos pais e sente-se abandonada pela família, apesar de morar com sua mãe, Vera, uma mulher que não expressa afeto por sua filha e é frustrada com o término do seu casamento. Ao longo da história, Júlia lida com várias experiências traumáticas relacionadas à sua mãe, incluindo episódios de violência, tanto física quanto psicológica. A obra possui um marco divisor na narrativa, mostrando a

transição da juventude para a idade adulta, e apresentando suas vivências e superações.

Na obra *O Peso do Pássaro Morto* é narrada a história de uma mulher que não possui um nome específico. Durante sua adolescência, ela foi ameaçada e sofreu um estupro por parte de seu ex-companheiro, resultando numa gravidez. A mulher, sendo a protagonista do romance, relata sua trajetória, na qual compartilha sua história dos oito aos 52 anos; e seu papel como mãe é um tema recorrente na obra. Depois de engravidar, ela decidiu manter a gravidez e criar a criança, mas não consegue estabelecer um vínculo afetivo com o seu filho. Ao longo da história, apresenta-se a ligação entre a mãe e o filho, assim como toda a luta que essa mulher enfrenta após ter sido vítima de um abuso sexual.

Nos capítulos a seguir, as obras são analisadas conforme o foco deste trabalho, a representação da maternidade em *O peso do pássaro morto* e *Pequena coreografia do adeus* de Aline Bei.

3 A MATERNIDADE COMO RUPTURA: DOR E SOFRIMENTO EM *O PESO DO PÁSSARO MORTO* DE ALINE BEI

Para a análise de *O peso do pássaro morto*, foram destacados trechos que representam momentos significativos da trajetória da personagem, especialmente aqueles que a maternidade emerge como experiência atravessada por traumas, violências e silenciamento.

No romance destaca-se uma personagem que carrega profunda dor e sofrimento, resultado de suas vivências de traumas e desafios ao longo de sua trajetória. Entre os vários temas da obra, a maternidade se destaca como um dos principais, apresentando a desconstrução da maternidade ideal. A experiência da maternidade não se apresenta como algo idealizado e perfeito diante da sociedade, mas sim trazendo diversas violências, traumas e desafios vivenciados pelas mulheres durante a experiência da protagonista.

Nos primeiros capítulos do romance, a protagonista é moldada por traumas, mortes e ausências que enfrentou desde a infância até a adolescência, e que se prolongaram por sua vida adulta, resultando assim na construção da personagem ao longo da narrativa.

Um marco importante que se destaca na história é o estupro que ela sofreu aos 17 anos, quando seu ex-parceiro a ameaçou com uma faca e, dessa forma, a violentou.

O Pedro
 tinha 1 Faca
 que colou no meu
 pescoço.
 meu grito
 morreu no estômago
 junto com o chute que ele me deu.
 caí sem acreditar naquele Pedro que
 arrancou o meu
 vestido, o contato
 rente
 da Faca
 queimava
 a pele e
 ardia enquanto o Pedro
 mastigava meus peitos
 pronto pra arrancar
 o bico [...]
 ele baixou as calças
 abriu minhas pernas
 e meteu com pressa
 de olho
 fechado, a cara toda (Bei, 2017, p. 58-59).

No trecho, percebemos a presença da violência física, mas também da psicológica. A autora expõe violência que a personagem sofre, empregando a faca como um símbolo de intimidação para a vítima, além de ser uma forma de controle realizado pelo agressor. Ainda é possível notar, no trecho, o silenciamento da personagem, ao afirmar “[...] meu grito morreu no estômago” (Bei, 2017, p. 58), que demonstra a maneira com a qual ela permaneceu em silêncio, incapaz de expressar sua dor. Silenciamento que se perpetua durante toda a vida da personagem, inclusive estando presente em seu desfecho. Toda essa violência não provoca apenas feridas físicas no corpo, mas também destrói toda a sua vida, moldando a personagem através do silêncio e da culpa.

Nesse cenário, a maternidade aparece após esse ato de violência, pois a personagem fica grávida em consequência desse ato. No capítulo seguinte, é mostrado o nascimento de seu filho, ocorrido quando ela tinha apenas 18 anos.

-é um menino. - o médico disse

e colocou o bebê
no meu colo.
eu estava chorando
de cansaço,
olhei praquela criança
também chorosa, ela que
não fazia ideia
do que é no mundo nascer um menino,
alguém precisa contar (Bei, 2017, p. 61).

Neste trecho, observamos a desconstrução da maternidade idealizada a partir do momento do parto da personagem, mostrando a fragilidade da mulher nesse momento. Ao afirmar “eu estava chorando de cansaço” (Bei, 2017, p. 61), ela expressa não apenas um cansaço físico, mas também a dor e o desgaste mental durante o parto. Logo após, quando menciona o choro do bebê, evidencia-se que o nascimento é um momento de dor tanto para a mãe que está dando à luz quanto para o recém-nascido que está chegando ao mundo. Essa parte do romance rompe com a visão romantizada de perfeição e felicidade no momento do parto.

Ainda é possível perceber uma preocupação da protagonista ao afirmar: “ela que não fazia ideia do que é no mundo nascer um menino, alguém precisa contar” (Bei, 2017, p. 61), revelando que a sociedade é um ambiente bastante cruel, no qual o homem é visto como um dominador. Dessa forma, a maternidade se torna uma

forma de responsabilidade, mas também de insegurança ao educar uma criança em uma sociedade marcada por várias desigualdades sociais.

A sociedade vê a maternidade como algo perfeito e natural para as mulheres e, muitas vezes, transmite a ideia de que elas já carregam um instinto materno desde o momento em que nascem. Ao longo da narrativa, notamos que a protagonista não conseguiu desenvolver afeto, mesmo estando perto de seu filho.

quando um bebê nasce
uma Flor brota
no peito e sai
pelo leite da mãe.
é assim
que os bebês crescem
se alimentam dessa
flor invisível
algumas pessoas
chamam ela de
amor.

procurei a tal

no meu peito descampado

por nove
meses e depois
no hospital, [...]

em casa,

com o menino no
berço
e os anos passando,

procurei em cada canto

(nenhum sinal da Flor) (Bei, 2017, p. 64-66).

Quando a autora emprega a flor como uma metáfora para o amor materno, ela desconstrói a ideia de que toda mulher já nasce com instinto materno, especialmente por meio da amamentação, o que criaria um elo com o filho. A desconstrução do amor materno como instinto natural pode ser relacionada à teoria de Elisabeth Badinter (2024), quando evidencia que o vínculo entre a mãe e filho não é dado biologicamente, mas determinado por condições históricas, sociais e subjetivas.

Aline Bei demonstra que nem toda mãe é capaz de cultivar esse amor. Além disso, revela que ela não consegue expressar o instinto materno da maneira como a sociedade o define, em que, muitas vezes, as mulheres sentem a pressão para se encaixarem em um padrão de mãe ideal.

Essa pressão social para o enquadramento em um modelo ideal de maternidade pode ser compreendida à luz do conceito de maternidade normativa, proposto por O'Reilly (2021), que descreve a idealização e a naturalização do amor materno como mecanismos de controle sobre experiência de mulheres.

Dessa forma, dialoga com a reflexão de Elisabeth Badinter (2009, p. 2), que afirma: “O amor materno é apenas um sentimento humano como outro qualquer e como tal incerto, frágil e imperfeito. Pode existir ou não, pode aparecer e desaparecer, mostrar-se forte ou frágil, preferir um filho ou ser de todos”. Badinter, acima, apresenta a maternidade como um sentimento que se desenvolve ao longo do tempo, em vez de ser algo natural. Ela evidencia que, embora esse sentimento possa existir, muitas mulheres podem não o conhecer, dependendo das circunstâncias e do momento em que se encontram.

A ausência desse amor, que é simbolizado pela flor, indica a dificuldade de criar uma conexão emocional com o filho. Dessa forma, relevando que o corpo que deu à luz ao seu filho é o mesmo corpo cheio de cicatrizes. Por essa razão, frequentemente, a maternidade não é apresentada apenas como algo positivo, mas também como uma lembrança da dor e do sofrimento que a personagem enfrentou. Assim, acaba desenvolvendo um silenciamento por parte da vítima.

Essa configuração de maternidade como vivência de dor e ambivalência reforça a leitura de Badinter (2024) sobre o conflito entre a mulher e a mãe, evidenciando que a maternidade pode ser vivida como experiência marcada por sofrimento, especialmente quando atravessada por violência.

sobre
a noite
em que o Pedro foi na
minha casa,
eu

não consegui contar

(pra ninguém.) (Bei, 2017, p. 70).

A experiência vivida pela personagem foi tão intensa que criou nela o sofrimento de falar sobre o ocorrido ou, até mesmo, de apagar essa experiência de sua vida. Quando ela fala que não conseguiu contar para ninguém, revela-se um sentimento de vergonha e, ao mesmo tempo, de culpa pelo que passaram. Ela expõe como um acontecimento tão violento deixa, por muitos anos, uma marca profunda em seu corpo e, principalmente, quando o filho, que se chama Lucas, possui a aparência

do agressor, a experiência da maternidade torna-se significativamente mais desafiadora.

*a coisa mais Difícil
porque você lucas
é a cara do Pedro
tem o olho
do Pedro
a boca, o cabelo, o jeito de andar e te ver acordando, te ver
passando por mim na cozinha
é reviver aquele maldito dia em segredo, diariamente,
com o fruto dentro
da minha casa sem saber* (Bei, 2017, p. 101, itálico da autora).

Neste trecho, a narradora revela seus pensamentos da personagem em relação ao filho, evidenciando uma maternidade complicada, que a faz reviver toda a violência que sofreu apenas olhando para o filho, que é a imagem do seu agressor. Dessa forma, pode-se dizer que a maternidade, para a personagem representa um meio de reviver a dor, nessa situação apresentada. No trecho “é reviver aquele maldito dia em segredo, diariamente” (Bei, 2017, p. 101), percebemos o silenciamento da mulher nessa circunstância, sobretudo quando, frequentemente, as mulheres são forçadas a dar à luz e a oferecer cuidado e amor materno aos filhos que resultam de uma violência.

Essa dor se torna mais intensa quando a personagem começa a notar alguns comportamentos do filho que poderiam se relacionar com uma personalidade violenta, o que a narradora atribui à semelhança do menino com o agressor.

o lucas e os amigos
bolaram um plano de matar
passarinhos [...]
o que eu estava criando,
um monstro? [...]
isso
é o lugar onde nasce
a dor.
isso é
tudo o que destrói a possibilidade de um mundo
um pouco menos cruel
com os mais fortes abusando dos
mais fracos e o pai do lucas
dentro dele
e o pai
do lucas
dentro de
mim (Bei, 2017, p. 82-85).

A personagem se vê como esse pequeno pássaro, uma criatura delicada. Ela se reconhece como alguém vulnerável e sente a dor do passarinho como se fosse a sua, pois a dor causada por seu ex-companheiro a feriu, assim como Lucas feriu os

passarinhos. Ao compara-lo com o pai, percebemos que, apesar do tempo que passou, ele ainda deixa marcas de sofrimentos profundas nela. Assim, ela começa a sentir culpa e carrega o medo de estar criando um homem parecido com o seu agressor. Esse conflito demonstra não apenas o sofrimento da personagem, mas também a insegurança em relação à maternidade.

Na sociedade em que vivemos, observamos que há uma expectativa sobre a mulher de exercer a maternidade de maneira natural, independentemente das circunstâncias em que a gravidez ocorreu, sem considerar se foi resultado de uma violência ou se se tratou de uma escolha. Ainda assim, espera-se que a mulher cuide e ame seu filho, independentemente de qualquer circunstância, como se fosse uma mãe perfeita. É possível observar quando a personagem menciona o que seus pais disseram a respeito de sua gestação.

*me deu um chute
na barriga que ficou a marca e você nasceu,
9
meses
depois. foi a minha primeira vez, pensei seriamente
em*

aborto.

*mas não tive Coragem
para dizer*

Estupro.

então eu disse:

fiz sexo.

e a minha família falou:

- se foi mulher para fazer vai ser mulher para criar (Bei, 2017, p. 100, itálicos da autora).

Nesta parte do romance, é possível observar o que muitas mulheres enfrentam ao não terem a liberdade de escolha. Sempre usando o discurso de que se ela foi mulher para fazer, também deveria ser mulher para criar, sem dar a oportunidade nem o direito à mulher de decidir sobre seu próprio corpo. Assim, a maternidade passa a ser menos uma opção e mais uma obrigação imposta a ela. Em muitos casos, as mulheres, na sociedade, criam os filhos sozinhas, zelam por ele e trabalham para proporcionar aos filhos uma vida melhor. Algumas dessas mulheres, ao enfrentarem sozinhas todas essas responsabilidades, encontram dificuldades para desenvolver o

amor materno. A protagonista do romance discute essa questão relacionada às responsabilidades.

Cresceu
menos no meu
braço e mais no dela.
as despesas da casa, contas de telefone, de
água e de
luz me davam oi antes do meu filho me dar (Bei, 2017, p. 73).

No texto, podemos observar as dificuldades que muitas mulheres enfrentam na sociedade devido à sobrecarga da maternidade. A personagem principal nota que seu filho possui uma ligação bem mais forte com a pessoa responsável por cuidar dele do que com ela própria, evidenciando os desafios de equilibrar a educação do filho, o emprego e as tarefas domésticas. Isso representa uma responsabilidade dobrada, pois, além de cuidar do filho, é necessário também gerenciar outras questões essenciais para a vida. Isso demonstra que a maternidade, muitas vezes, devido à falta de apoio e à desigualdade, pode afastar emocionalmente uma criança de sua mãe.

Neste contexto, a autora descreve uma realidade significativa na sociedade: mulheres que enfrentam a pressão de atender a diversas responsabilidades atribuídas a elas e que são frequentemente avaliadas de forma negativa por não conseguirem ser o ideal da mãe perfeita que a sociedade impõe. Muitas dessas mulheres se esforçam diariamente para sustentar sua família de forma independente.

A carga emocional que vem com a maternidade demonstra como a experiência de ser mãe pode, para diversas mulheres, envolver uma convivência entre amor e sofrimento. Em *O peso do pássaro morto*, a relação entre mãe e filho se forma como um espaço de ausência, que conseguimos identificar em várias partes do livro.

morar com ele pelos anos que
moramos
era como viver com
um Estranho (Bei, 2017, p. 87-88).

Neste trecho, podemos observar o quanto a maternidade tinha um significado profundo para ela. Ela via seu filho como um estranho em seu próprio lar, sem a presença de uma troca de afeto. É importante destacar que o sentimento dela não é falta de empatia, mas sim uma consequência de tudo que ela vivenciou durante sua vida. A conexão com o filho torna-se cada dia mais distante.

(em algum lugar esquisito estávamos aliviados
por não precisarmos mais nos ver todos os dias)
disfarçávamos,

não nos sentíamos confortáveis na situação
de mãe e filho não morrendo de amores
um pelo outro então tentávamos
á nossa maneira
nós dar bem (Bei, 2017, p. 90-91).

Nessa parte, conseguimos ver a desconstrução de uma maternidade idealizada, em que para a sociedade um filho representa um modo de dar significado à vida de uma mulher. Mostra que a falta de amor entre mãe e filho indica que ambos estão feridos, mostrando que nem a mãe nem o filho sentem muito carinho um pelo outro. Assim, podemos notar como a maternidade se torna um espaço de conflitos e desgaste, e não apenas de amor e idealização, como costuma ser vista pela sociedade.

Ao longo da história, o filho dela, Lucas, decide estudar em uma universidade fora de São Paulo, o que causa uma distância geográfica entre ele, mesmo assim ela mantém o cuidado de forma discreta, como podemos notar no trecho:

ficamos um tempo sem nos falar [...]
foram 2 meses
que viraram 5
que viraram 7
que viraram
Onze, eu sem notícias, mas depositando
o dinheiro pra pagar a república e a comida (Bei, 2017, p. 91).

No trecho, percebemos que, mesmo com a distância entre a mãe e seu filho, ela demonstra cuidar dele, garantindo que não lhe falte nada. Embora não manifeste laços afetivos pelo seu filho, ainda preserva seu papel de mãe, tratando-o como uma obrigação materna. Apresenta a maternidade de forma realista, demonstrando que, além do amor, muitas vezes, a responsabilidade se sobrepõe a qualquer expectativa de reconhecimento por parte do filho. Mesmo com a distância do filho, a personagem começa a desenvolver um sentimento parecido com a saudade.

e o Lucas? como Ele
estaria?
será que brigávamos muito se nos víssemos?
talvez não brigássemos nada
além do nosso silêncio de sempre, eu já estava
acostumada,
mas não com essa coisa
brotando no peito parecida com
saudade só que menos,
era o feto
da saudade,
muito magro ainda, mas
com vida
e sem saber pra onde ir (Bei, 2017, p. 94-95).

Esse trecho indica que, apesar de todos os traumas e separações com o filho, existe nela um anseio de recomeço como uma forma de buscar um vínculo emocional com o filho. Mostrando que ela não consegue expressar o amor, sente a falta do filho e busca entender o novo sentimento quando ela fala “da saudade muito magro” sendo um sentimento frágil que está surgindo dentro dela.

- *não queria te perder.*

eu disse baixinho[...]

-*é só pro bebê nascer e conhecer os pais da joana.
depois eu volto e também a gente já tá bastante
acostumado a ficar longe um do outro.*

por que esse apego agora?

- *eu errei não ter me aproximado o tanto que eu
deveria quando você era menino e estava mais
aberto.*

- *a gente não precisa ter essa conversa agora.*

-*mas eu quero. deixa eu te falar. pra mim foi muito
difícil ter você, eu era uma menina e aconteceram
coisas que*

você não sabe, não imagina. seu pai

-*você já me contou isso, não precisa ficar repetindo* (Bei, 2017, p. 122, *itálicos da autora*).

Esse trecho, mostra um dos momentos mais significativos do romance, em que a personagem busca se aproximar de seu filho, demonstrando, assim, um esforço para restaurar o vínculo entre eles. O trecho revela que a falta de comunicação durante toda a sua vida apenas os distanciaram mais, trazendo a perspectiva do filho, que se recusa a ouvi-la novamente, o que demonstra que isso o fere de alguma maneira e, assim, expressando um sentimento de arrependimento da personagem. Aparece um sentimento de culpa e arrependimento, como podemos ver no trecho a seguir.

eu nunca
vou conseguir contar, no fundo
não devo querer.
ainda assim,
nada
justifica a minha ausência, se decidi ter o filho,
então
eu deveria ter vivido a minha decisão plenamente ao
invés de ficar procurando os restos
do Pedro
nos olhos do lucas [...] (Bei, 2017, p. 123).

O trecho apresenta um momento de reflexão para ela, revelando a culpa por não conseguir estabelecer vínculos afetivos com seu próprio filho. Ela reconhece as

consequências de suas escolhas, que foram influenciadas por traumas, dor e solidão. Isso evidencia o sofrimento persistente em relação ao seu passado, pois vê Lucas como uma constante lembrança de Pedro, que a violentou, mostrando como isso impactou sua relação com o filho. Quando ela expressa que nunca será capaz de relatar isso, a personagem declara que é uma forma que não permitirá que ela cicatrize sua ferida e que a manterá sempre viva dentro dela.

Depois de perceber sua falta e refletir sobre a experiência da maternidade de maneira incompleta, a personagem chega a uma conclusão dolorosa em relação ao filho:

[...] o lucas não precisa mais de mãe
nenhuma,
nem eu do filho que
não matei.
pensei por nove meses vou matar
mas

não matei. (Bei, 2017, p. 124).

Ao mencionar que “pensei por nove meses em matar” (Bei, 2017, p. 124), não se refere apenas ao ato de realizar um aborto, mas também indica o fim de um ciclo doloroso que se inicia na juventude e persiste ao longo da vida. Essa decisão de não ter cometido o aborto demonstra que ela seguiu em frente após os acontecimentos traumáticos, e vivendo com a dor que não conseguiu matar, lembrando diariamente do agressor ao ver o filho. Além de ter tido a chance de interromper a gravidez, ela decidiu ter o bebê, acreditando que seria capaz de amar essa criança.

Dessa forma, demonstrando a pressão que a maternidade exerce sobre ela, é possível notar que as mulheres, em muitos casos, lidam com os desafios em uma sociedade que as julga por escolher seguir ou não com as gestações fruto de um ato de violência sexual.

Ao longo da sua trajetória, ela procura dar significado à sua vida e encontrar amor em meio a muitos sofrimentos. Nessa busca, ela se depara com um cachorro de rua que adota e decide colocar o nome de Vento.

ajeitou as patas
altas
e deitou esparramado
do meu lado
com cara de quem sabia alguma coisa importante
mas
não conseguia me contar porque
a coisa

não era do tipo das que cabem em palavras [...]
 fiz carinho
 na cabeça do cachorro e
 foi tímido [...]

-*Seu nome vai ser Vento* (Bei, 2017, p. 106-107, itálico da autora).

Pela primeira vez, ela consegue expressar afeto de forma mais intensa por seu cachorro, que acabou de adotar das ruas. Ela percebe que o animal não consegue se comunicar por meio da fala, refletindo sua própria dificuldade em transmitir suas emoções. Neste momento, observamos um sentimento de cuidado e afeto com o cachorro, mesmo diante de tanta dor. O vínculo com o cachorro aumenta ainda mais quando ela vê seus machucados.

quantos machucados ele tinha no corpo
 mais vinho do que preto pelo sangue
 seco. que bom que agora
 a gente estava junto,
nunca mais ninguém vai te machucar (Bei, 2017, p. 108, itálico da autora).

Neste trecho, observamos um acolhimento em relação ao cachorro, além de um cuidado e uma proteção para o animal, que é vulnerável. Por meio da afirmação “nunca mais ninguém vai te machucar” (Bei, 2017, p. 108), ela resolve proteger o animal, algo que não aconteceu em sua própria existência devido à falta de alguém que lhe desse um acolhimento. Ela se sentiu muito confiante com o cachorro, e a presença dele era essencial para seu bem-estar.

por fora eu estava
 elegante com bota preta. no íntimo
 ficava pensando que me sinto
 tão mais confortável com o Vento no sofá
 do que com o meu filho e a sua nova mulher
 e a culpa [...] (Bei, 2017, p. 120-121).

Podemos ver que a personagem demonstra um nível de conforto com seu cachorro que supera o que sente por seu próprio filho. Em certas situações, isso pode acontecer porque ela reconhece no filho características de seu agressor, o que a impede de se sentir segura ao seu lado. Essa insegurança faz com que ela crie um laço afetivo mais forte com seu cachorro, já que se sente mais protegida ao lado dele. Embora ela pareça muito elegante por fora, evidencia que, por dentro, está incomodada por carregar um sentimento de culpa por estar ali.

A personagem sente um amor sincero pelo cachorro, chegando a amá-lo profundamente. Para ela, o cachorro se torna um refúgio, e essa afeição que

compartilham é tão intensa que, quando o cachorro morre, ela mergulha em uma tristeza profunda, mostrando assim a força do vínculo que os unia. Como revela no trecho a seguir.

chorei aberta
 pra sair a
 dor,
 sorriso eu não sabia mais em que lugar que ele
 ficava no corpo[...]
 fiquei sem comer.
 o telefone
 eu cortei da tomada, a vitrola
 nunca mais deu um pio.
 deixei de tomar banho
 a casa
 cheirava merda que eu não ia ao banheiro
 cagava
 ali
 mesmo
 ao lado do
 sofá que virou minha casa inteira e também meu
 abraço, o cheiro do Vento
 ainda no couro [...]
 se tornou
 insuportável.
 o relógio da cozinha acabou a pilha e esse foi o
 único pedaço de alívio que senti,
 a casa
 em silêncio profundo.
 fiquei vivendo de ar
 vomitando de
 fome (Bei, 2017, p. 155).

Quando o seu cachorro de estimação morre, a protagonista entra em um luto intenso, alcançando um estado vegetativo, sem se alimentar, sem se higienizar e sem realizar suas necessidades, vivendo apenas no sofá, onde ainda permanecia o cheiro de Vento e vivendo apenas de ar, ou seja, unicamente respirando. Notamos um profundo estado emocional na personagem ao enfrentar a perda de um amor verdadeiro, que demonstra o quanto significativo era esse vínculo que preenchia o vazio deixado pela culpa, pela dor e pela ausência de vínculo afetivo.

Ao longo de toda a história, observa-se a tentativa de estabelecer uma relação afetiva entre a mãe e seu filho; no entanto, essa relação não se concretiza, pois o filho simboliza um trauma vivido e é resultado de uma violência. Com o cachorro, conseguimos perceber o cuidado, o carinho e o afeto, aspectos que não conseguiram ser desenvolvidos na maternidade. A experiência com o cachorro representa uma maneira de vivenciar uma relação afetiva genuína permitindo que ela desempenhe essa função sem carregar sentimento de culpa ou dor. No final da narrativa, ocorre uma alteração no foco narrativo que deixa de ser um narrador personagem e se torna

um narrador onisciente, a fim de revelar a morte da personagem, cujo amor pelo animal é tão profundo que leva à sua morte por tristeza.

ela caiu no sono.

vomitou dormindo
e não acordou.
sonhava de novo com
a chegada
pra ver o Vento morto[...]
1 parte do peito
estava no lucas e no carlos
eduardo.
no entanto
eles estavam vivos, ela sabia que sim e não ver
alguém nunca mais por questões sentimentais
doía menos do que
não ver alguém nunca mais porque a pessoa deixou
de existir.
o corpo dela foi encontrado por culpa dos vizinhos
que estavam reclamando do cheiro fortíssimo da
casa 462,
a polícia foi verificar (Bei, 2017, p. 158).

Quando o narrador traz à tona que um lado do peito abriga seu filho e seu neto, evidencia que o sofrimento da protagonista está relacionado à maternidade e a acompanhou até os últimos dias de sua vida. Isso revela que a maternidade, para ela, não foi uma experiência ideal e completa; ao contrário, foi marcada por dificuldades. Ela morre com a memória do seu cachorro, lembrando daquele que realmente ela amou e cuidou. Com isso, o desfecho final da obra é a morte da personagem rodeada de solidão e abandono.

No capítulo seguinte, intitulado *Póstumo*, é apresentada a reação do filho ao receber a notícia do falecimento de sua mãe.

eventualmente o lucas foi avisado da morte da mãe,
ligação
internacional.
a polícia contou o que sabia e não era muito,
se o lucas
chorou não foi perto de Carlos Eduardo [...] (Bei, 2017, p. 163-164).

O narrador, ao longo de toda a narrativa, mantém Lucas mais afastado, sem expressar claramente seus sentimentos. Mesmo após a morte de sua mãe, é possível observar esse distanciamento e frieza nas emoções ao receber a notícia da morte, indicando que a relação entre mãe e filho não foi muito saudável. Ao ressaltar a ligação internacional, a autora demonstra a separação não apenas afetiva, mas também geográfica entre mãe e filho. A referência ao fato de que Lucas se encontra em um

país diferente ressalta que ele continuou sua vida longe dela, da mesma forma que a mãe também conseguiu seguir em frente sem a presença dele.

Dessa forma, Aline Bei conclui o romance apresentando uma reflexão sobre a maternidade, frequentemente vista como algo natural e incondicional para as mulheres na sociedade. Ela demonstra que a experiência da maternidade, dependendo do contexto em que a mulher se encontra, pode ser marcada por desafios e sofrimento.

Em *O peso do pássaro morto*, a protagonista não se encaixa na definição de uma mãe amorosa, mas revela as complexidades de ser mulher e mãe na sociedade, enfrentando as exigências que são impostas em relação a esse papel, revelando que a maternidade pode ser um peso para muitas mulheres, em razão da obrigação de cuidar, amar e educar seus filhos, especialmente pela ausência do suporte adequado, principalmente, quando a gestação é fruto de um estupro. A palavra *peso*, no título do romance, destaca o que significa para a mulher ser obrigada a gestar e cuidar de uma criança fruto de um estupro. A morte da personagem revela como o processo é duro e, algumas vezes, acumulativo.

4 ENTRE O CONFLITO E O AMOR: A REPRESENTAÇÃO DA MÃE EM *PEQUENA COREOGRAFIA DO ADEUS* DE ALINE BEI

O romance *Pequena coreografia do adeus* retrata a vida de Júlia, que é filha de pais divorciados e reside com sua mãe, Vera. A história contada pela própria Júlia expõe sua relação complicada com a mãe, que é marcada por algumas cicatrizes que influenciam sua personalidade, resultando na ausência de carinho materno. Vera carrega feridas de sua infância e reproduz comportamentos de distanciamento com a filha, assim, a maternidade é apresentada como uma experiência marcada pela dor e pela repetição de violências que Vera enfrentou.

Segundo Foster (1998), há nas narrativas um foco pelo qual observamos os fatos, “O ponto de vista a partir do qual a história pode ser contada” (Foster, 1998, p.75), ou seja, é a posição usada pelo narrador para contar a história, o que define o que o leitor pode conhecer apenas aquilo que o narrador expõe na narrativa. O romance é narrado completamente pela perspectiva de Júlia.

É fundamental destacar que Júlia é uma filha que não se sente amada e percebe que sua mãe não cuida dela da maneira que, segundo a narradora idealiza, uma mãe deveria cuidar, assim ela demonstra a insatisfação em relação à mãe na maneira com que avalia os fatos que narra. A perspectiva da maternidade é vista apenas pelos olhos de Júlia, sem termos acesso ao ponto de vista da Vera; somente conseguimos conhecer Vera por meio das partes que Júlia a revela de modo mais condescende em sua narrativa.

No começo do romance, já observamos uma comparação que Júlia estabelece entre sua mãe e a mãe de sua amiga.

[...] eu estava com uma amiga do bairro.
a mãe dela que nos trouxe
de carro
agora lia um jornal enquanto nos esperava. ela era mais
bonita do que a minha mãe
cheirava melhor também.
tinha um cheiro de
erva-doce despreocupado.
já minha mãe tinha cheiro de
banana sem casca
estragando, estava sempre ocupada com os afazeres
domésticos
e com as demandas emocionais da própria existência (Bei, 2021, p. 10).

No trecho, Júlia faz uma comparação entre a mãe de sua amiga e a sua própria mãe, evidenciando as distinções emocionais e físicas existentes entre elas. A mãe da amiga é caracterizada por um aroma de erva-doce, transmitindo suavidade e

serenidade. Além das comparações físicas, ela menciona que a mãe de sua amiga é muito mais bonita, demonstrando que a mulher é mais atraente em comparação com sua mãe, que é comparada a uma banana estragada. Isso revela o desgaste da mulher, o cansaço e as marcas deixadas por uma rotina repleta de tarefas domésticas e exigências emocionais. A descrição, enfatiza que, muitas vezes, a maternidade pode trazer um peso desgastante, impactando não apenas a aparência da mulher, mas também sua qualidade de vida.

Ao apresentar o exemplo da mãe de Tetê como uma mãe perfeita na visão de Júlia, nota-se que essa idealização surge de uma imagem construída e não de uma pessoa real que possui limites, falhas e inseguranças. O que Júlia considera perfeito é apenas a sua própria visão de uma imagem idealizada, sem conseguir reconhecer as dificuldades e os desafios que fazem parte de uma maternidade real.

É possível estabelecer uma conexão entre Vera e a forma como a sociedade é organizada, dirigindo toda responsabilidade da maternidade para as mulheres. Ao compararmos as mães no romance, observamos que a mãe da amiga de Júlia representa uma maternidade mais leve, evidenciando que a mulher pode possuir mais tempo e apoio familiar. Por outro lado, Vera demonstra que muitas mães frequentemente assumem, sozinhas, a responsabilidade pelos cuidados dos filhos e pelas tarefas domésticas, muitas vezes, sem apoio ou reconhecimento.

A visão sobre a maternidade de Júlia é tão idealizada, que prefere se espelhar na mãe da amiga, ao invés de se identificar com sua própria mãe, que não vive uma experiência materna perfeita. Vale destacar que o olhar de Júlia é posicionado no lugar de uma filha que sente a ausência da mãe, nesse sentido é compreensível que sua idealização se volte para uma maternidade que ela deseja desfrutar, mas não pode.

eu não queria ser uma mãe como a minha, gostaria de ser
mais parecida com a mãe da Tetê. por isso fiquei olhando
o vento agradecer o cabelo da dona Sandra e também as
folhas do seu jornal.

depois levantei o rosto
e deixei que o vento agradecesse
a minha vida
estava fazendo nascer
uma boa mãe
em mim (Bei, 2021, p. 11).

Nesse trecho, notamos que o modelo de maternidade exibido por sua mãe não é visto como o padrão a ser adotado por Júlia quando ela for mãe porque, para ela, a

mãe de sua amiga representa o exemplo perfeito de maternidade. Quando Júlia afirma que estava se transformando em uma boa mãe, ela reconhece um jeito de ser mãe diferente daquele que vivenciou, o qual está quebrando um padrão de ausências, violências e de pouca afetividade entre mãe e filha. Ao empregar a metáfora do vento, a narradora demonstra que está vivenciando a leveza proporcionada pela maternidade, uma sensação que percebeu que não tinha em sua própria mãe. Isso mostra que ela procura um futuro diferente do que sua mãe teve e espera que um novo modelo de maternidade seja moldado em sua vida.

Essa busca por um novo modelo de maternidade dialoga com a idealização criticada por O'Reilly (2021), que destaca: “A idealização estabelece modelos maternos definidos, os quais reforçam as expectativas das mães sobre si mesmas e da sociedade em relação ao papel materno” (O'Reilly, 2021, p.12). Ela trata do modo como a sociedade estabelece um modelo de uma mãe perfeita, ao determinar como a mulher deve agir, sentir e se comportar.

Dessa forma, é notável que muitos não compreendem como certas mulheres, assim como a mãe de Júlia, lidam com rotinas que são emocionalmente exaustivas, marcadas por solidão, desgaste emocional e ausência de apoio. Por outro lado, outras, como a mãe da amiga, possuem uma estabilidade emocional, o que lhes permite oferecer uma maternidade mais serena e acolhedora. Essas diferenças entre as maternidades se tornam ainda mais claras quando Júlia manifesta como a violência estava presente em seu dia a dia:

quando a minha mãe tirasse a Cinta
do armário.
as surras que eu levava
eram as surras que a minha mãe levou
em looping
na minha pele, na pele dos filhos que ainda não tenho (Bei, 2021, p. 16-17).

Nesta citação, é evidente uma violência que se transfere de geração para geração quando se mencionam as surras que irá receber, assim como as que a mãe já recebeu e os filhos, que nem existem ainda certamente receberão. A violência é constante na família. A Cinta com a letra maiúscula destaca o objeto, indicado como um símbolo dessa violência. Ao mencionar as agressões sofridas por sua mãe, evidencia-se que suas ações não são apenas motivadas pela raiva, mas refletem a maneira como ela foi educada.

Dessa forma, esses comportamentos são transmitidos para sua filha, sem que ela consiga romper com esse padrão familiar. Quando ela menciona seus futuros

filhos, também expressa o temor de repetir a experiência de maternidade que teve com sua mãe, embora não deseje isso.

[...] quando voltou somente com a Cinta
eu fiquei
bem mais calma
que bom
que vai ser o de sempre

e Foi,

um pouco mais longo que o normal (Bei, 2021, p. 21).

Observamos que se trata de uma prática recorrente de violências físicas que Júlia enfrenta, mostrando que é uma situação comum usada para punir a filha. Ao invés de Júlia demonstrar medo, ela experimenta um alívio pela violência não escalonar e permanecer no nível que ela já conhecia, como era de costume.

Vale retornarmos ao modelo de família para a sociedade capitalista. Silvia Federici (2017) explica que a família se tornou o centro de produção e da reprodução (Federici, 2017, p. 48), estruturada para gerir a sociedade e, ao mesmo tempo, para gerar maior força de trabalho. Assim, essa divisão é organizada de maneira desigual. Na família, o papel de chefe da casa é ocupado pelo marido, sendo ele o responsável por sustentar a casa. Já a mulher é responsável pela manutenção do lar, incluindo os cuidados com a casa, com a educação das crianças, o preparo das refeições etc. Esse aspecto demonstra como a mulher enfrenta uma carga adicional que afeta sua vida, pois busca atender várias obrigações. Essa carga de trabalho faz com que muitas mães sintam que não conseguem realizar o que a sociedade espera delas.

Em determinado ponto da história, Júlia indaga sua mãe sobre sua criação marcada por violências, estabelecendo uma comparação com a sua colega Natasha.

*- quando a Natasha, uma garota do colégio, faz algo errado
a mãe dela não bate
apenas conversa
mostrando onde está
o erro
dando exemplos
até mesmo da própria vida
e por tudo isso a Natasha é uma menina calma quando derruba
o pote de tinta na aula de artes, quando
falta uma estrela no seu boletim, ela não sente medo
de voltar para casa [...]* (Bei, 2021, p. 38, *itálico da autora*).

No trecho apresentado, observa-se a conversa entre Júlia e sua mãe, na qual ela questiona sobre a razão pela qual não recebe a mesma educação que a mãe de

Natasha oferece a própria filha, que aparentemente ensina a filha sem praticar agressão física. Ao indicar a falta de medo que sua colega apresenta, Júlia expõe que convive com medos, embora perceba que as situações não são tão graves, já que a amiga não é castigada por elas. Assim, as diferenças entre as duas experiências demonstram como diferentes modos de educação influenciam a maneira de ser.

Júlia, apresenta informações sobre a personalidade e as atividades diárias que evidenciam a postura rigorosa e discreta da sua mãe, Vera.

minha Mãe atendeu secando a mão no avental.
 tinha essa mania insuportável
 de usar avental ininterruptamente
 mesmo que estivesse vendo televisão [...]

Os Passos

pesados da minha mãe, uma mulher pequena, mas
 Sisuda me corroíam por dentro.
 ela costumava falar muito, especialmente quando Brava,
 mas nesse dia se calou (Bei, 2021, p.19- 20).

No trecho em que Júlia descreve o avental usado pela mãe, menciona que ela está sempre com ele, provavelmente até nos seus momentos de lazer. Isso mostra que ela se encaixa nos padrões impostos pela sociedade que determinam que a mulher também deve se responsabilizar pelas atividades domésticas, destacando sua função de cuidadora, e, assim, demonstrando uma mulher exausta pelas obrigações do lar. Os passos firmes revelam o comportamento de Vera, que demonstra ser uma autoridade discreta, gerando medo em Júlia mesmo com seu silêncio.

O avental pode ser interpretado como uma metáfora para mostrar o papel da mulher no que diz respeito ao trabalho doméstico, que, na sociedade capitalista, é considerado como uma atividade naturalmente feminina. Silvia Federici (2017) afirma ser da natureza das mulheres cozinhar, limpar e procriar apenas porque se decreta que há relação direta entre o útero, a procriação e o fato de que é a mulher quem cozinha, varre o chão etc. Na verdade, contra-argumenta a autora, tudo isso foi naturalizado (Federici, 2017, p. 21). Assim, o avental sempre presente na vestimenta de Vera pode simbolizar não apenas a rotina cotidiana no lar, mas também a carga histórica que recai sobre as mulheres na sociedade.

A violência física é algo tão natural para Júlia que, quando sua mãe deixou de agredi-la, ela não conseguiu compreender o motivo.

[...] acabei pegando rápido
 no sono, estava mesmo
 bem cansada, será que eu não amava mais
 a minha mãe?

foi então que o inesperado aconteceu: na manhã seguinte
e na outra
e na outra
a minha mãe não me bateu

fiquei na expectativa
do tapa/da cinta
a angústia/da espera
mas
a minha mãe não me bateu (Bei, 2021, p. 35-36, tamanho da fonte reduzida
conforme o original).

Podemos notar, inicialmente, uma confusão mental em Júlia devido ao cansaço e ao sono, levando-a a se perguntar se ainda sentia amor por sua mãe. Vera deixou de praticar agressões físicas contra ela, mas ela não entendeu, e permaneceu na expectativa de que a mãe voltasse a agir com violência. No entanto, isso não ocorreu, gerando angústia nela, que não encontra alívio, mas sim a incerteza.

Em seu diário, Júlia menciona a mãe expressando sua opinião sobre ela.

Eu gosto de ficar olhando as pessoas que passam na rua, elas são boas e sortudas, já eu não sou grande coisa, nem meus pais. Principalmente minha mãe[...] Às vezes, eu sinto pena da minha mãe. Todo lugar que eu vou, as pessoas falam que eu sou a cara dela. É um saco, eu fico com vontade de chutar a boca de quem diz isso. Queria ser mais parecida com meu pai, ele não tem a raiva que minha mãe tem nos olhos (Bei, 2021, p. 27-28, itálico da autora).

Júlia não gosta de ter semelhança com a mãe e, por essa razão, sente raiva. No entanto, essa raiva não se resume apenas à aparência física, mas também à preocupação de se tornar uma pessoa parecida com ela, herdar as características negativas que Vera possui. Ela menciona que as pessoas na rua são sortudas e boas, destacando que isso não é percebido em sua própria família, na qual o ambiente familiar é caracterizado pela ausência de afeto, violência e abandono. Quando ela se refere à sua mãe, expressa um sentimento de desprezo em relação a ela. Entretanto, a mãe dela justifica sua maneira de agir.

- A sua vó era pior do que eu, Júlia.

mas o que a minha mãe não entendia é que ser menos
pior ainda era muito pouco, nós precisávamos de uma
mudança radical (Bei, 2021, p. 59, itálico da autora).

Esse trecho demonstra como a violência era considerada algo comum na vida de Vera, uma vez que se tratava de um ciclo que se perpetuava de geração em geração. Assim, Vera tenta justificar ou, até mesmo, minimizar a situação de agressividade, mas Júlia compreende que essa justificativa é inadequada e busca romper essa visão do ciclo de violência que se transmite de avó para mãe.

[...] a minha mãe e a minha avó ficaram anos sem se falar.
 me lembro de uma tarde
 quando o telefone tocou
 com a notícia da morte dela
 e me lembro do abraço
 sem jeito
 que meus pais se deram, a casa ficou em silêncio até de
 noite.
 não fomos ao enterro.
 minha mãe não derramou uma lágrima, pelo menos não
 na minha frente (Bei, 2021, p. 53).

Há um conflito na relação entre a mãe e a avó materna de Júlia que revela mágoas do passado. A ausência de comunicação entre a mãe e sua avó não apenas indica os desentendimentos, mas também uma tradição de dor que continua a afetar o relacionamento entre elas até o fim da vida da avó. A morte da avó de Júlia provoca um momento de reflexão emocional, o abraço e a falta de choro por parte de Vera diante da morte da própria mãe revelam a dificuldade que ela tem para expressar sentimentos.

A partir desse momento, Júlia começa a entender a razão pela qual sua mãe a ama dessa maneira e, após a separação de seus pais, ela passa a notá-lo.

a Mulher que Sofreu.
 a verdade é que
 ela nunca se levantou totalmente depois que meu pai se foi.
 começou a me cobrar
 a *responsabilidade*
 não só de ser uma filha exemplar, mas também um pequeno
 marido.
 a única parte boa
 nisso tudo
 é que
 por medo
 da solidão
 ela começou a abrir
 um espaço
 pra mim
 em sua cama [...] (Bei, 2021, p. 71-72, *italico da autora*).

Julia começa a perceber o quanto sua mãe enfrentou desafios ao longo da vida, especialmente após a separação dos pais, com isso Vera passa a ser vista como uma mulher fragilizada pelo divórcio. Julia experimenta uma pressão maior para demonstrar um comportamento exemplar, mas é durante esse período de medo e solidão da mãe que elas começam a se conectar. Assim, o trecho demonstra como a angústia da mãe afeta os sentimentos de Júlia, que é percebida como um refúgio no momento de fragilidade emocional de sua mãe.

algo bonito e inexplicável acontecia com a minha mãe: de

olhos semicerrados
 ela sussurrava
 pra mim: *ainda bem que eu tenho você, meu amor.*

-meu amor? Mãe. a senhora me chamou de meu amor?

ela sorria, os cílios longuíssimos
 devagar fui percebendo
 que tudo o que eu precisava fazer

era esperar (Bei, 2021, p. 72-73, *itálico da autora*).

Quando Vera menciona a importância de estar com Júlia e a chama de amor, isso revela um momento de afeto na relação entre ela e Júlia. Para Júlia, isso é surpreendente, pois esse tipo de carinho não é comum entre elas. No final, Júlia entende que esses pequenos gestos de carinho ocorrem apenas quando a mãe se encontra em um estado de fragilidade que possibilita a criação de um vínculo afetivo entre as duas. Isso fica ainda mais claro no trecho seguinte:

no fundo,

minha mãe era uma flor
 que sangrou por ser idealista
 por isso se fechou
 em aço
 se abria apenas quando o Sono era quem comandava o seu
 espírito.

ao seu lado na cama
 passei a desfrutar
 de uma nova presença materna [...] (Bei, 2021, p. 73).

Júlia retrata sua mãe através da metáfora da flor: "minha mãe era uma flor que sangrou por ser idealista" (Bei, 2021, p. 73). Vera nem sempre teve a personalidade que aparentava para Júlia, mas a dificuldade de demonstrar amor foi construído em suas vivências. A falta de afeto em relação à filha foi resultado de suas experiências com sua própria mãe. Ela se tornou uma pessoa amarga e as feridas que a marcaram contribuíram para essa formação.

Júlia menciona que Vera fechou-se em aço, o que representa uma maneira de se proteger de todos aqueles que estavam a sua volta e podiam feri-la. O movimento de se fechar para não sofrer cria uma dificuldade de expressão afetiva; consequentemente, bloqueia a possibilidade de amar ou de permitir que o amor aconteça. A pessoa que se protege demais vive em defesa sendo incapaz de permitir que o outro se aproxime e, ao tentar se proteger, muitas vezes, acaba se isolando. Na relação entre Júlia e Vera, esse distanciamento não apenas cria barreiras, mas

também fragiliza o vínculo afetivo entre mãe e filha, tornando a convivência marcada por distâncias sentimentais que nenhuma das duas consegue superar.

Por meio dessas experiências com a mãe, Júlia começa a perceber uma nova figura materna, assim, ela passa a conhecer sua mãe de forma original, conseguindo, dessa maneira, entender o modo de maternagem de sua mãe. Essa procura por carinho se fortalece quando Júlia explica como tenta tocar o lado mais delicado da mãe:

se eu quisesse criar algum laço
com ela, delicadamente

eu teria que investir na alta madrugada
um lugar onde ela se abria um pouco pétala
ficava vulnerável ao peso dos lençóis.
foi quando eu compreendi
que a minha mãe tinha uma outra mãe possível dentro
de si
difícil de cavar, e como!, ainda assim
e por isso mesmo
uma joia
de mãe, essa mulher doce e
fantasmagórica
que comandava o barco materno quando tudo escureceu
e que ainda esperava pela chuva
em suas pétalas
o que, no mesmo instante, me fazia esperar também (Bei, 2021, p. 76).

Há um desejo de fortalecer o vínculo emocional com a mãe, mesmo nos momentos de fragilidade durante a madrugada. Júlia reconhece que, em Vera, ainda pode haver uma outra possível figura materna, uma versão mais calma e amorosa que expressa afeto por ela. Júlia demonstra que se trata de algo raro, a mãe evidencia que a joia é algo valioso e que é difícil de conquistar quando usa a expressão difícil de cavar. Júlia acredita que a mãe, apesar da fragilidade, pode receber e compartilhar muito amor. Dessa forma, o trecho evidencia a conexão entre a ausência e o afeto, ilustrando a busca da filha por uma maternidade mais afetiva.

Dessa forma, é importante ressaltar que o amor materno não é inato, mas trata-se de um vínculo que se desenvolve com o tempo e, muitas vezes, pode não se construir ou não ser reconhecido, como mencionado por Elisabeth Badinter (2009). Nesse sentido, Vera é um ser humano que vivencia frustrações e angústias, apresentando maneiras de amar que diferem do modelo idealizado de maternidade estabelecido pela sociedade. Dessa forma, o romance revela que há várias formas de ser mãe, cada uma moldada pelas vivências, limites e contextos de vida de cada

mulher, o que se articula com o conceito de maternagem que explicamos anteriormente.

Aline Bei desenvolve a narrativa de Júlia, agora adulta, no capítulo denominado *Terra*, revelando como as vivências traumáticas da infância continuam a influenciar sua vida na fase adulta. O primeiro passo que Júlia realiza após conseguir um emprego, é sair de casa.

morar com minha mãe
estava se tornando algo Insustentável, se eu continuasse
debaixo de seu teto, eu envelheceria definitivamente, já es-
tava acontecendo
fui a criança mais velha do mundo
e estava me tornando
a jovem mais velha do mundo
e estava me tornando
a jovem mais antiga
da rua
eu precisava tanto de um
Espaço [...] (Bei, 2021, p. 161).

O trecho mostra o desgaste emocional de Júlia devido à convivência com a mãe na mesma casa, a qual se transformou em um espaço sem afetividade. Júlia, ao mencionar sobre o envelhecimento na sua casa, indica que ela se tornou madura muito cedo, uma vez que assumiu várias responsabilidades que a impediram de aproveitar sua juventude. Quando Júlia menciona que deseja um espaço, ela relata que, além do espaço físico, também procura por um lugar de liberdade para construir sua vida.

[...]
e só tive coragem de contar pra minha mãe no dia da
mudança.
fiquei com medo de que ela estragasse tudo, e também
não encontrava as palavras certas para dizer
isso, mãe
estou indo
me sentia muito Culpada
por deixá-la assim, Sozinha (Bei, 2021, p. 163-164).

Apesar de toda a discussão que teve com a mãe, Júlia ainda sentia uma obrigação e um sentimento de culpa por abandoná-la sozinha em casa. Júlia tem muito receio de frustrar a mãe ao dizer que pretende ir embora de casa. Apesar da relação difícil que possui com a mãe, ela se preocupa por deixá-la sozinha. Dessa forma, podemos observar que a decisão de sair de casa e tentar se afastar de tudo que viveu continua a ser extremamente desafiadora, mesmo assim, procurando liberdade, ela ainda se sente culpada.

na manhã da mudança, coloquei as minhas coisas na mala.

desci as escadas, pensativa.

minha Mãe estava de costa, na cozinha
coando o café.

*-tá quase pronto - ela disse, sem se virar.
-não precisava, mãe, eu já estou indo.*

e vê-la ali, de barriga na pia
quase me fez correr para os seus braços, me ajoelhar
aos seus pés (Bei, 2021, p. 164, *itálico da autora*).

Júlia pensa em desistir de partir, ao ver a cena da sua mãe coando o café em um gesto simples, é possível perceber isso quando ela fala: “[...] quase me fez correr para os seus braços, me ajoelhar aos seus pés” (Bei, 2021, p. 164). Apresentando um momento de arrependimento e culpa, mostra o amor de Júlia por sua mãe. Esse trecho evidencia como é difícil para Júlia se despedir da mãe mesmo com tudo que viveu com ela.

Após sair de casa, Júlia sempre visitava a mãe e fazia o possível para não a deixar sozinha. Assim aconteceu na noite de Natal, quando ela decidiu jantar com a mãe para que ela não ficasse sozinha. É possível observar a situação, no trecho a seguir:

[...]
depois expliquei que não podia deixar a minha mãe
sozinha.

mas não foi isso que ela fez com você a vida toda? senti a
viúva me dizer por dentro.
sim, respondi também por dentro
mas entre a minha mãe e mim existe uma diferença brutal,
que é a Culpa.
pra piorar, a dona Vera me ligou perguntando o que eu
queria comer na ceia.
bem mãe, que tal uma salada? estou tentando ser vegetariana.
mas era mentira, eu não estava tentando virar coisa alguma
o fato é que
eu continuava não suportando
o gosto das carnes que ela preparava (Bei, 2021, p. 199, *itálico da autora*).

Júlia, mesmo sendo independente, ainda se sente culpada por ter deixado a mãe sozinha. No entanto, ela se interroga sobre o fato de que a mãe sempre a deixara sozinha. Contudo, Júlia evidencia que as duas têm diferenças, por isso, ela não deseja repetir o que a mãe fez. Apesar de toda a situação vivida entre as duas mulheres, Júlia sente um profundo medo de perder Vera.

[...]
e o que seria perder a minha mãe?

não é a mesma coisa que perder uma boa mãe

perder a minha
 seria uma dor e um alívio cheio de culpa, então
 até o alívio
 se transformaria em Dor
 e eu teria que me acostumar
 com as minhas cicatrizes
 órfãs de seu carrasco (Bei, 2021, p. 232, tamanho da fonte reduzida conforme
 o original).

Ela se questiona sobre como será a perda de sua mãe, mas não consegue entender suas próprias emoções, pois sente, simultaneamente, a tristeza da perda e um certo alívio, mas esse alívio acabará se convertendo em dor. O alívio irá se transformar em dor porque, ao se distanciar da mãe, Júlia está rompendo um ciclo de sofrimento que a acompanha desde a infância. Mesmo que esse ciclo se encerre com sua mãe, as cicatrizes das experiências passadas permanecem e, dessa forma, as marcas na relação entre Júlia e Vera não desaparecem.

Na visão de Júlia, que é uma filha ferida e percebe a maternidade apenas por sua ótica, a perda de Vera não representa uma dor tão profunda, conforme mencionado por ela mesma, pois Vera não cumpriu a função materna esperada. Apesar de todas as definições que Júlia nos apresenta sobre Vera, ela se depara com a difícil decisão de amparar ou não sua mãe, o que envolve compreender se existe, dentro dela, um sentimento de amor por Vera, que, em sua visão, sempre se mostrou como uma mãe imperfeita.

Ao considerar cuidar de Vera, Júlia reconhece a presença de um vínculo entre elas, mesmo que ferido e marcado pela distância emocional. Esse possível ato de cuidado também indica sua procura por respostas sobre a incerteza que a acompanha e sobre o amor que sente por sua mãe. Com isso, é evidente que há amor de Júlia para mãe, demonstrado pela preocupação que tem quando a mãe começa a esquecer as coisas e se perde. É notável como ela tem medo de perdê-la, ao mesmo tempo, em que destaca que nunca a teve, afinal o amor de filha praticado por Júlia em relação à mãe também não era perfeito.

minha Mãe estava deitada
 de barriga pra cima
 na cama estrangeira, senti medo
 de perdê-la
 antes mesmo de
 tê-la (Bei, 2021, p. 278).

No texto, percebemos a apreensão de Júlia em relação à mãe, revelando seu medo de perdê-la. Ela demonstra, mesmo diante da ausência da mãe, que ainda tem

a esperança de manter uma relação afetiva com ela e o medo de não conseguir realizar antes da morte de Vera.

No romance *Pequena Coreografia do Adeus*, a maternidade é retratada como um conflito entre mãe e filha, que evidenciando um ciclo que se perpetua ao longo de várias gerações em que a forma como a mãe de Júlia a educa reflete o modo como a mãe de Vera também a criou. Assim, Júlia começa a perceber que sua mãe a ama e que as agressões que ela enfrentava eram consequência de como fora educada.

A maternidade não é vista como algo idealizado, mas reflete as vivências que muitas mulheres enfrentam, levantando questões sobre o contexto em que cada mãe se encontra e o acesso a um suporte para a criação dos filhos. Dessa forma, mostra que não existe uma maternidade perfeita e que, em diversas ocasiões, em que as mães têm dificuldade em expressar seu afeto, o que não significa falta de amor, mas sim que a maternidade é influenciada por pressões e expectativas sociais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo analisar a representação da maternidade em *O peso do pássaro morto* e *Pequena coreografia do adeus*, de Aline Bei. A pesquisa buscou entender como as mães são retratadas nas narrativas, analisando as dificuldades, fragilidades e sofrimentos que essas mães enfrentam, evidenciando, assim, a desconstrução da idealização da figura da mãe perfeita, nos romances. Para a elaboração do trabalho, realizamos uma pesquisa teórica sobre a maternidade e o papel da mulher na sociedade. Posteriormente, analisamos as obras literárias, focando nas personagens que exercem o papel de mãe na narrativa e reconhecendo como suas vivências e experiências se relacionam com o mito da maternidade idealizada.

Quanto aos objetivos específicos desta pesquisa, é possível afirmar que todos foram alcançados ao longo do estudo. O primeiro objetivo específico, que consistia em discutir o conceito de maternidade na sociedade contemporânea, foi alcançado por meio dos estudos que apresentamos sobre a formação da mulher na sociedade e a sobre crítica da ideia de maternidade como um instinto natural e como uma construção social imposta às mulheres. Através dessas conversas, foi possível perceber de que maneira a construção da idealização da maternidade como algo natural para a mulher é muito equivocada na sociedade, na qual a mulher é constantemente cobrada para ser uma mãe perfeita e como isso afeta a construção das mulheres na sociedade.

O segundo objetivo, que consistia em identificar as personagens de *O peso do pássaro morto* e *Pequena coreografia do adeus* que se relacionam com a prática da maternidade, também foi cumprido. Nas análises dos romances, foram consideradas duas mães, a primeira foi a do texto *O peso do pássaro morto*, na qual uma mulher narra sua própria trajetória, embora não seja identificada pelo nome na narrativa. No romance *Pequena coreografia do adeus*, encontramos Vera, a mãe de Júlia, protagonista e narradora da história. Como o narrador é autodiegético, conhecemos apenas a perspectiva de Júlia que tem acesso às experiências da maternidade na posição de filha e julga a própria mãe a partir desse lugar. Nas duas obras, podemos observar as vivências, experiências, contextos e desafios enfrentados nas maternidades.

O terceiro e último objetivo específico foi analisar de que maneira a representação das mulheres nos romances se desvia da idealização da mãe perfeita. Acreditamos que este objetivo também foi alcançado, pois a pesquisa revelou que as duas obras questionam o conceito tradicional de maternidade idealizada, apresentando as mulheres enquanto mães da narrativa, que vivenciam a maternidade real, enfrentando desafios, traumas e ausências e optando por educar seus filhos de maneiras que não se adequam aos padrões sociais que impõem que a mãe deve amar incondicionalmente seu filho e ser a mãe perfeita.

A análise possibilitou observar que os romances apresentam a maternidade de maneira realista, humanizada e sem idealizações, desfazendo a ideia de uma mãe perfeita que a sociedade idealiza. Além disso, a experiência da maternidade é caracterizada por várias complexidades. No primeiro romance, encontramos uma mulher sem nome, cuja experiência de maternidade é marcada por meio de um ato de violência sexual, portanto não é planejada e ainda é expressa através de sofrimentos e traumas, uma vez que seu filho, Lucas, possui a aparência de seu agressor, indicando a dificuldade de estabelecer um laço afetivo com ele.

Em *Pequena coreografia do adeus*, a narrativa é apresentada sob a perspectiva da filha Júlia, que retrata a relação com a mãe marcada por distanciamento, falhas e a reprodução de agressões que sua mãe vivenciou. Entretanto, Vera, mãe de Júlia, é uma mulher que demonstra afeto por sua filha. Dessa forma, os dois textos apresentam a maternidade de maneira desconstruída em relação à imagem da mãe idealizada, demonstrando que são mães reais que enfrentam experiências traumáticas e contextos familiares complexos, e, apesar disso, continuam a exercitar a maternidade dentro de suas possibilidades.

A análise das duas obras possibilitou explorar as semelhanças e as diferenças nas narrativas. Em *O peso do pássaro morto*, a maternidade é apresentada como uma experiência interna, revelando sua própria história e as vivências que influenciam a maneira de ser mãe. Em *Pequena coreografia do adeus*, é apresentada a maneira como a figura materna, Vera, é percebida sob a perspectiva de Júlia. Embora as perspectivas sejam distintas, ambas as narrativas questionam o modelo tradicional de maternidade que pressupõe que a mãe deve ser forte e sempre estar disponível para os filhos. Isso mostra a desconstrução da figura da mãe perfeita segundo os padrões sociais, indicando que as mães também sofrem, lidam com o desgaste mental, falham e encontram limites, assim como ocorre na sociedade contemporânea.

A diferença entre as duas mães reside na experiência que cada uma possui na maternidade. Em *O peso do pássaro morto*, a mãe percebe que é seu dever assumir a maternidade, apesar das circunstâncias traumáticas que a levaram a gravidez, reforçada pela falta de apoio familiar. Além de ser mãe, ela também precisa trabalhar, cuidar da casa e do filho, enfrentando assim uma grande sobrecarga. Essas múltiplas funções refletem a expectativa social de que a mulher deve cuidar de diversas responsabilidades atribuídas a ela e, ainda assim, precisa ser uma pessoa forte. Por sua vez, em *Pequena Coreografia do Adeus*, Vera se concentra completamente na arrumação e nos cuidados com a casa. Isso demonstra que a rotina de Vera está incorporada em nossa sociedade, que impõe um padrão da mulher responsável por cuidar do lar e da família.

Uma diferença significativa é a dos filhos. Não temos acesso à perspectiva de Lucas em *O peso do pássaro morto*. Lucas permanece sempre oculto, sem que o leitor compreenda suas emoções, o que limita a visão do olhar materno em relação a ele. Em *Pequena coreografia do adeus*, a narrativa é apresentada pela filha, Júlia, que compartilha seus sentimentos, percepções e angústias em relação à mãe. Assim, é possível interpretar que as obras se comunicam ao exibir duas perspectivas diferentes, a visão da mãe e, posteriormente, a da filha, ressaltando como a maternidade pode ser experimentada e interpretada de formas variadas em um mesmo contexto social.

Durante o desenvolvimento deste trabalho, ainda existem lacunas que podem ser investigadas em futuras pesquisas. Como examinar a presença ou a falta da voz dos filhos, analisando de que maneira essa perspectiva altera a representação da figura materna. Outra possibilidade pode ser examinar outros textos literários que apresentam as diferentes maneiras de se manifestar a maternidade na literatura. Dessa forma, permitindo novas perspectivas sobre os desafios e as diferentes experiências de ser mãe na literatura.

Por fim, a análise deste trabalho evidenciou que cada mulher vivencia a maternidade de maneira diferente, influenciada por sua trajetória, contexto e experiências pessoais, demonstrando que não há uma única forma de ser mãe, uma vez que todas são diferentes e que suas emoções, cuidados e ações variam entre si. Assim, desfaz a concepção de que toda mulher já nasce sabendo como ser mãe, pois a maternidade não é algo inato, mas se desenvolve por meio da convivência, das relações e das circunstâncias vividas por cada mulher.

Dessa forma, na medida em que esse processo se desenvolve, surgem distintas maneiras de matinar como expressar amor, carinho, enfrentando dificuldades, apresentando um distanciamento e, até mesmo, enfrentando falhas, configurando uma experiência única para cada mulher. Assim, a sociedade forma uma ideia de maternidade idealizada, em vez de uma maternidade real. Desse modo, essa pesquisa ajuda a ampliar a discussão sobre a maternidade na literatura e na sociedade, promovendo reflexões mais empáticas, humanas e sobre as experiências reais que as mulheres vivenciam.

REFERÊNCIAS

- ARRUZA, Cinzia. Considerações sobre gênero: reabrindo o debate sobre patriarcado e/ou capitalismo. **Revista Outubro**, n. 23, 2015.
- BEI, Aline. **O peso do pássaro morto**. São Paulo: Editora Nós, Edith, 2017.
- BEI, Aline. **Pequena coreografia do adeus**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.
- BADINTER, Elisabeth. **O conflito: a mulher e a mãe**. Rio de Janeiro: Record, 2024.
- BADINTER, Elisabeth. **Um Amor Conquistado: o mito do amor materno**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BHATTACHARYA, Tithi. O que é a teoria da reprodução social? **Revista Outubro**. n. 32, 2019.
- CANDIDO, Antonio. **A personagem de ficção**. 4. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1974.
- FEDERICI, Sivia. **Caça às bruxas e capital: mulheres, acumulação, reprodução**. São Paulo: Editora Elefante, 2025.
- FEDERICI, Sivia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. São Paulo: Editora Elefante, 2017.
- FOSTER, Edward Morgan. **Aspectos do romance**. Tradução de Maria Helena Martins. 2 ed. São Paulo: Globo, 1998.
- GARCIA, Carla Cristina. **Breve história do feminismo**. São Paulo: Editora Claridade, 2011.
- LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens**. São Paulo: Cultrix, 2019.
- O'REILLY, Andrea. Matricentric feminism: beyond gender and towards Resistant and Inclusive Mothering. *In*: O'Reilly, Andrea. **Matricentric feminism: theory, activism, practice**. 2 ed. Bradford: Demeter Press, 2021.
- SANTOS, Ana Fabíola Silva dos; LIRA, Monike Rabelo da Silva. LITERATURA COMPARADA: TEORIA E MÉTODO. *In*: NASCIMENTO, Cássia Maria Bezerra do; PINHEIRO, Everton Vasconcelos; LIRA, Monike Rabelo da Silva; SERRÃO, Tayse da Silva. **Metodologia da pesquisa em estudos literários**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2018. p. 1-249.